

Trabalho de Conclusão de Curso

A ATUAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO ATRAVÉS DOS DONS SOBRENATURAIS

Michel Wésley Moróz

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP
TCC apresentado em dezembro de 2008
Orientador: Amin Américo Rodor, Th.D.

Resumo: O presente artigo trata atuação do Espírito Santo através dos dons sobrenaturais nos dias atuais. A pesquisa passa por três diferentes posições a respeito desse assunto: os cristãos que afirmam que a manifestação do dom de línguas, ou de cura, ou de profecia é essencial para que o crente tenha certeza de que o Espírito Santo está nele ou operando através dele ; os cristãos que advogam a inexistência de acontecimentos sobrenaturais na atualidade ; e por fim, os crentes que não enfatiza m nem a ausência total de dons sobrenaturais nem a ênfase demasiada nestes acontecimentos.

Para a comparação das posições acima citadas foi adotado um estudo dos relatos Bíblicos de quando os dons do Espírito Santo se manifestaram, sua classificação e propósito; seguido de uma análise comparativa com as declarações atuais dos ramos cristãos.

Palavras-chave: Espírito Santo, Dons, Dom do Espírito, Atualidade



The Working of the Holy Spirit Through the Spiritual Gifts

Abstract: The present study focuses the operation of the Holy Spirit through the spiritual gifts in the present days. It approaches the three different views concerning this issue: First, the view of the group of Christians that sustain that the manifestation of the gift of tongues, of healing, or of prophecy is an essential element in order to assure the believer of the presence or the working of the Holy Spirit in his life; Second, the position of those Christians who deny the existence of supernatural events in the present days; and finally, the views of those Christians who do not give much emphasis in the existence or in the inexistence of such events.

The different views above were contrasted with the biblical reports of the manifestation of the gifts of the Holy Spirit, the Biblical list of spiritual gifts and their purpose.

Keywords: Holy Spirit, Gifts, Spiritual Gift, Present.

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Campus Engenheiro Coelho
Faculdade Adventista de Teologia

A ATUAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO ATRAVÉS DOS DONS SOBRENATURAIS

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado em Cumprimento Parcial
dos Requisitos para Obtenção do Título de
Bacharel em Teologia

por

Michel Wésley Moróz

Novembro de 2008

A ATUAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO ATRAVÉS DOS DONS SOBRENATURAIS

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado em Cumprimento Parcial
dos Requisitos para Obtenção do Título de
Bacharel em Teologia

por

Michel Wésley Moróz

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Amin Américo Rodor, Th.D.
Orientador

Avaliação

Data da Aprovação

Amin Américo Rodor, Th.D.
Diretor do Curso de Teologia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	2
Definição do Problema.....	3
Propósito do Estudo	3
Delimitações e Escopo.....	3
Metodologia	3
CAPÍTULO	
I DONS ESPIRITUAIS.....	4
1. Conceito de Dons.....	4
2. Dom do Espírito.....	8
3. Dons do Espírito.....	13
II NO ANTIGO E NOVO TESTAMENTOS.....	19
1. Profecia.....	19
2. Curas e Milagres.....	26
3. Línguas e Interpretação de Línguas.....	34
III TEORIAS ATUAIS.....	39
1. Os dons cessaram.....	38
2. Pentecostal e Carismática.....	41
3. Cíclica.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
BIBLIOGRAFIA.....	48

INTRODUÇÃO

Muitas denominações na atualidade reivindicam possuir o Dom do Espírito Santo devido a manifestações de dons sobrenaturais concedidos pela Terceira Pessoa da Trindade. Dentre estes dons os que são mais enfatizados são dom de profecia, dom de cura e dom de línguas. Algumas denominações mais radicais chegam a acusar as outras ramificações cristãs de não possuir o Espírito Santo por não manifestarem fenômenos sobrenaturais. Até mesmo, dentro das denominações que advogam este posicionamento, os crentes que não manifestam determinados dons são vistos com não aceitos plenamente pelo Espírito Santo. Agem como se houvesse um corpo especial dentro do corpo de crentes.

Estariam eles corretos em afirma que a não manifestação de fenômenos sobrenaturais evidencia a não existência do Espírito Santo nestas denominações? Seria necessária a manifestação do dom de línguas, ou de cura, ou de profecia, para o crente ter a certeza que o Espírito Santo está nele ou operando através dele?

Antagônicos a esta posição aparecem os cristãos que advogam a inexistência de acontecimentos sobrenaturais na atualidade. Dom de línguas, dom de profecia e dom de cura não mais existem hoje. Estariam estes corretos quanto aos fenômenos sobrenaturais?

Um meio termo entre as duas posições também pode ser visto na atualidade, ela não enfatiza nem a ausência total de dons sobrenaturais nem a ênfase demasiada nestes acontecimentos. No entanto, qual seria oposição Bíblica?

DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

Pode-se notar que em algumas denominações a manifestação de dons sobrenaturais aparece como evidência da presença do Espírito Santo, e também, sinal de aceitação pessoal e inclusão num grupo especial de crentes. Pontos de vista como estes parecem impor uma obrigatoriedade destas manifestações para evidenciar que esta igreja cristã (ou crente) é utilizada pelo Espírito Santo ou não.

PROPÓSITO DO ESTUDO

Verificar se as manifestações de dons sobrenaturais do Espírito Santo ocorreram ou não de forma ininterrupta no período patriarcal, no período apostólico e no período da igreja cristã e se estas manifestações evidenciam aceitação divina. O trabalho será realizado através de um estudo dos relatos Bíblicos de quando estes dons se manifestaram, sua classificação e propósito, seguido de uma análise comparativa com as declarações atuais dos ramos cristãos.

ESCOPO E DELIMITAÇÃO

Esta pesquisa se limitará a abordar a manifestação dos dons sobrenaturais como obrigatória ou não, para comprovar a presença do Espírito Santo na denominação (ou no crente). Será efetuada uma análise Bíblica das vezes em que estes dois fatores (Espírito Santo e dons sobrenaturais) são identificados num mesmo contexto. A pesquisa não abrangerá a qualificação espiritual do grupo que manifesta os dons sobrenaturais, mas como este compreende o dom sobrenatural.

METODOLOGIA

Pesquisa bibliográfica

CAPÍTULO I

DONS ESPIRITUAIS

1. Conceito de Dons

No Antigo Testamento aparecem algumas palavras como *matat* e suas declinações (Dt 28:55; I Rs 13:7; Ec 3:13, 4:17, 5:18 e 19; Ez 46:5, 11; Gn 29: 19; Jz 7:2; 1 Rs 21:3) traduzidas como dom, dons, dádiva, presente, etc. Todas têm o sentido de presente, algumas até, referindo-se aos presentes de Deus ao homem, como trabalho, comida e proteção¹.

No Novo Testamento as palavras traduzidas por “dons” nos principais textos referentes aos “dons espirituais” são *carismata* e *pneumaticon*, a primeira pode ser entendida como algo recebido sem mérito próprio, um presente recebido mediante a graça Divina. A segunda pode ser aceita como algo pertencente ao Espírito Santo ou Espírito de Deus.²

Analisando o sentido de *carismata* pode-se perceber que o sentido básico de dons vai muito além de apenas algumas dotações especiais concedidas por Deus, pois tudo que se recebe sem merecimento pode chamar-se “dons”, ou seja, vida, sol, chuva, salvação e muitos outros. Já através do sentido de *pneumaticon*, os “dons espirituais” podem ser entendidos como algo especial proveniente do Espírito Santo.³

¹ Derek Williams, *Dicionário bíblico vida nova* (São Paulo, SP: Vida Nova, 2003), 95.

² Friedrich Gerhard, e Geoffrey W. Bromiley, *Theological dictionary of the New Testament* (Grand Rapids, EUA: William B. Eerdmans Publishing Company, 1983), 9: 404-405 e 6: 332, 876.

³ Enio dos Santos, *O Espírito Santo no passado, presente e futuro: batismo com o espírito, carismatismo e dom de línguas, milagres e curas* (Ijuí, RS: Colméia, 2002), 61.

Carismata aparece seis vezes no Novo Testamento (Rm 11:29; 12:6; 1 Co 12:9, 28, 30 e 31), enquanto que o seu singular *carisma* aparece oito vezes (Rm 1:11; 5:15; 5:16; 6:23; 1 Cor 7:7; 2 Cor. 1:11; 2 Tm. 1:6; e 1 Ped. 4:10), sempre se referindo a algum dom procedente do Espírito Santo. Ao todo, *carismatos* e suas declinações, aparecem 17 vezes nos escritos neo-testamentários, 16 nos escritos paulinos e apenas uma em 1 Pedro 4:10.⁴

As declinações de *pneumaticos* aparecem apenas três vezes no Novo Testamento, se referem de forma muito clara aos “dons espirituais”, *pneumatou* (1 Co 14:12), *pneumatica* (1 Co 14:1) e *pneumaticon* (1 Co 12: 1).⁵ Todas nos escritos paulinos.

O Conceito de Paulo sobre “dons espirituais”, parecendo assim o mais coerente para estudar os principais textos sobre “dons sobrenaturais”, pode ser entendido por alguns eruditos da seguinte forma:

“Os *dons* do Espírito devem distinguir-se do *dom* do Espírito. Os primeiros descrevem as capacidades sobrenaturais concedidas pelo *Espírito* para ministérios especiais; o segundo refere-se à concessão do Espírito aos crentes conforme é ministrado por Cristo glorificado”.⁶

“Uma definição precisa [de *carismata*] seria “manifestações de graça”, que traduzido é [sic] “dons””.⁷

“A palavra **Dom**, quer dizer dádiva, presente, procedente do verbo dar. Dom, pois, é tudo o que Deus nos dá: chuva, sol, vida, luz, fé, salvação, etc.

⁴ BibleWork 6.0

⁵ Ibidem,

⁶ Myer Pearlman, *Conhecendo as doutrinas da Bíblia* (São Paulo, SP: Vida, 2002), 201.

⁷ Billy Graham, *O Poder do Espírito Santo* (Rio de Janeiro, RJ: Cpad, 2001), 129.

Dons espirituais são presentes do Espírito ou habilidades comunicadas... Os dons do Espírito são semelhantes a ferramentas doadas ao crente pelo Espírito, para que este tenha com que trabalhar. O que não se deve confundir são os dons espirituais com os dons naturais ou talentos”.⁸

“O objetivo do apóstolo [Paulo] é enfatizar que, mesmo os dons sendo diversos, há um só Doador. Ele afirma esta verdade três vezes, cada vez relacionando os dons a uma outra [sic] Pessoa da Trindade (“o mesmo Espírito”, “o mesmo Senhor”, “o mesmo Deus”). Ele também usa três palavras diferentes para os dons. Primeiro (v.4) [I Cor. 12] eles são *charismata*, dons da graça de Deus. Depois, (v.5) eles são *diakonai*, maneiras de servir. Em terceiro lugar, (v.6) *energimata*, energias, atividades ou poderes, que o mesmo Deus “energiza” ou “inspira” (*energon*) em todos. E há “diversidade” ou “porções” (*diarseis*) de cada grupo. Juntando estas três palavras, talvez possamos definir dons espirituais como “certas capacidades concedidas pela graça e poder de Deus, que habilitam pessoas para serviços específicos correspondentes”.⁹

“Um dom espiritual é um atributo especial outorgado pelo Espírito Santo a cada membro do corpo de Cristo, como bons administradores da multiforme graça de Deus”.¹⁰

“O Espírito Santo concede uma habilitação especial [dom] a determinado membro, preparando-o para ser útil à Igreja no cumprimento da divina missão que ela recebeu”.¹¹

“Os dons espirituais são meios pelos quais o Espírito revela o poder e a sabedoria de Deus através de instrumentos humanos, que os recebem e bem usam (cf. 1 Co 12.7, 11).

A palavra “dom” vem do grego *charisma*, que significa “um dom pela graça”. Como o batismo com o Espírito Santo é um dom (cf.

⁸ Santos, 61.

⁹ Graham, 65.

¹⁰ James W. Zackrison, *Dones espirituales practicos* (Argentina: Asociacion Casa Editora Sudamericana, 1996), 12.

¹¹ Hélio L. Grellmann, e Rubens S. Lessa (Ed.), *Nisto cremos: 27 ensinios bíblicos dos adventistas do sétimo dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003), 281.

At. 2.38), também os dons espirituais são dádivas. Não se trata aqui de mera capacidade ou de dotes naturais que tenham sido melhorados ou aperfeiçoados pela operação do Espírito Santo. Não se trata de merecimento humano, mas da manifestação de um milagre. É uma coisa dada”.¹²

“Dentre as insondáveis riquezas espirituais que Deus coloca à disposição da sua Igreja na terra [sic], destacam-se os dons sobrenaturais do Espírito Santo, apresentados pelo apóstolo Paulo como gentes de poder e de vitória desta mesma igreja”.¹³

“Uma dotação ou concessão especial e sobrenatural de capacidade divina para serviço especial da execução do propósito divino para a Igreja e através dela”.¹⁴

“Faculdades da pessoa [sic] divina operando no homem”.¹⁵

*“Um dom é qualquer habilidade que é concedida pelo Espírito Santo e usada em qualquer ministério na igreja. Essa definição ampla inclui tanto os dons que estão relacionados às capacidades espirituais (como ensino, misericórdia ou administração) quanto os dons que parecem mais “miraculosos” e menos relacionados às capacidades naturais (como profecia, curas ou discernimento de espíritos)”.*¹⁶

Com estes conceitos em mente pode-se tentar uma definição de “dons espirituais” como sendo algo sobrenatural e imerecido, dado com um propósito especial, proveniente do Espírito Santo, que distribui no corpo de Cristo, ou seja, na Igreja, como bem Lhe apraz.

A Bíblia também apresenta o termo “dom do Espírito”, mas este faz referência ao próprio Espírito Santo passando a habitar no crente e não como sendo mais um dos “dons espirituais”, sobre este ponto trataremos no próximo tópico deste capítulo.

¹² Eurico Bergstén, *Introdução à teologia sistemática* (Rio de Janeiro, RJ: Cpad, 1999), 121.

¹³ Raimundo de Oliveira, *As Grandes doutrinas da Bíblia* (Rio de Janeiro, RJ: Cpad, 2001), 133.

¹⁴ Ibidem, 133.

¹⁵ Ibidem, 133.

¹⁶ Wayne Grudem, e Jeff Purswell (Ed.), *Manual de teologia sistemática: uma introdução aos princípios da fé cristã* (São Paulo, SP: Vida, 2001), 438.

2. Dom do Espírito

A delimitação do trabalho não permitirá tratar de forma exaustiva o “Dom do Espírito”, serão feitas apenas algumas considerações para melhor diferenciação entre os “dons espirituais”, ou seja, provenientes do Espírito e o “Dom do Espírito Santo”, o próprio Espírito.

Jesus declarou: “o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não no vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós”, João 14:17.

Este texto pode parecer dizer que os discípulos neste momento não possuíam o “Dom do Espírito Santo”, mas devemos analisar melhor o conceito de “Dom do Espírito”.

“O Espírito Santo é mencionado oitenta e oito [sic] vezes, em vinte e dois dos trinta e nove livros do Velho Testamento.

Através dos séculos, desde o começo do mundo [sic], podem-se traçar as pegadas da terceira Pessoa da Divindade”.¹⁷

O “Dom do Espírito” aparece basicamente de três formas: Primeiro como uma amostra do cumprimento das promessas finais, o *scaton*, em seguida aparece como um “Dom” que já havia sido prometido e por último aparece como agindo com Deus desde o princípio.

Pode parecer um pouco confuso. Como o “Dom do Espírito Santo” é um adiantamento das bênçãos por vir, o cumprimento de uma promessa antiga de Deus e ainda estar agindo ininterruptamente desde o princípio?

¹⁷ LeRoy Edwin Froom, *A vinda do Consolador: nossa mais urgente necessidade* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1991), 27-28.

Para entender melhor a questão deve-se analisar cada aspecto por vez: (1) Garantia do cumprimento das promessas escatológicas, (2) a atuação constante do Espírito Santo e (3) o “Dom do Espírito” prometido.

(1) Garantia de cumprimento das promessas escatológica: No Novo Testamento encontra-se a palavra *arrabon* que possui o sentido de dom antecipado, representa algo dado como garantia para cumprir o prometido. Das três vezes que este conceito aparece no Novo Testamento, todos estão relacionados com o “Dom do Espírito Santo”.¹⁸ Em Efésios 1: 14 o “Dom do Espírito” aparece como a garantia da salvação plena. Algo semelhante aparece em Romanos 8:23 e 2 Coríntios 1:22; 5:5. O “Dom do Espírito Santo” seria uma pequena amostra das bênçãos que receberão os fiéis quando o *scaton* se manifestar.

“Assim como se dá às crianças uma pequena porção de doce antes do banquete, assim na experiência do Espírito, os crentes por enquanto apenas “provaram... as virtudes do século futuro” (Heb. 6:5)”.¹⁹

Apartir deste conceito pode-se afirmar que o “Dom do Espírito” é um dom antecipado, algo dado como sinal de um pagamento total, para demonstrar confiança no cumprimento do pacto entre Deus e os Homens.²⁰ Antes do *scaton*, ou seja, o cumprimento dos últimos acontecimentos, Deus mandou o Seu Espírito como prova de que nada pode evitar o desfecho Bíblico da Obra da Redenção.

¹⁸ Lothar Coenen, *Diccionario teologico del nuevo testamento* (Espanha: Ediciones Sigueme, 1986), 2: 46.

¹⁹ Pearlman, 200.

²⁰ Lourenço Silva Gonzalez, *Assim diz o Senhor!* (Rio de Janeiro, RJ: Edição do Autor, 1986), 163.

(2) A atuação constante do Espírito Santo: Desde Gêneses ao Apocalipse o Espírito Santo aparece atuando ininterruptamente na obra de redenção do homem perante Deus.

“Sobre a capacitação pelo Espírito Santo no Antigo Testamento, devemos observar que às vezes se diz que não havia nenhuma obra do Espírito Santo *dentro* das pessoas no Antigo Testamento. Essa idéia tem sido inferida principalmente das palavras de Jesus aos discípulos em João 14.17”... ele habita convosco e estará *em* vós”. Mas não devemos concluir desse versículo que não havia nenhuma obra do Espírito Santo no interior das pessoas antes do Pentecostes. Embora o Antigo Testamento não fale com freqüência de pessoas que tinham dentro de si o Espírito Santo ou que deles tinham a plenitude, existem uns poucos exemplos: Josué é descrito como homem que tem o Espírito (Nm. 27.18; Dt. 34.9), assim como Ezequiel (Ez. 2.2; 3.24), Daniel (Dn. 4.8-9, 18; 5.11) e Miquéias (Mq. 3.8).”²¹

Sabe-se ainda que além destes citados havia mais pessoas que a Bíblia diz ter o Espírito Santo, como Moisés (Nm 11:17; 24-30), Gideão (Jz 6:34), Sansão (Jz 14:6), Bazaleel (Êx. 35:31), outros Juízes de Israel no livro de Juízes (Jz 3:9,10; 11:29) e muitos outros.

“Estudando a Bíblia, constatamos que o Antigo Testamento enfatiza principalmente a atuação de Deus-Pai. Os evangelhos enfatizam a obra de Deus-Filho. E do dia de Pentecostes até hoje a ênfase é atuação de Deus-Espírito Santo. Ao mesmo tempo a Bíblia nos diz que Deus-Espírito Santo já agiu desde o princípio, e através de toda a história”.²²

Muitas pessoas no Antigo Testamento possuíam o Espírito Santo, negar isso seria contrariar o texto Bíblico. No entanto, há na Bíblia uma promessa de derramamento do Espírito Santo. Isto parece ser sem sentido, pois qual a necessidade de dar o Espírito se Ele já estava atuando no Mundo?

²¹ Grudem, 533.

²² Graham, 25.

(3) O “Dom do Espírito” prometido: Alguns textos do Antigo Testamento apresentam a promessa do derramamento do Espírito, a Bíblia apresenta o dia de Pentecostes como o cumprimento desta promessa. Entre os textos que citam o derramamento do Espírito como algo vindouro serão examinados alguns:

“Ezequiel 36: 24-30 é um trecho messiânico que se expressa de maneira semelhante. Ele acrescenta uma promessa sobre o Espírito: “Então porei dentro de voz o Meu Espírito, e farei que andeis nos Meus estatutos, e guardeis as Minhas ordenanças, e as observeis.” (v. 27)

O Novo Testamento esclarece que esse Israel sobre o qual Deus poria o Seu Espírito se compõe do remanescente espiritual, judeu e gentio, da fé no Messias: “Os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios?” (Romanos [sic] 9:24); “Ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o remanescente é que será salvo”. (Rom. 9:27).

Paulo diz que é o Espírito que escreve a lei de Deus nos corações (II Cor. 3:3), torna Deus conhecido ao crente (I Cor. 2:10, 3:19). Conclui-se, a partir desses textos, que a atuação do Espírito sob a primeira aliança, foi no sentido de operar mais no meio do povo ou sobre o povo; e na segunda aliança, Sua atuação passou a ser mais evidenciada no interior ou *dentro* do povo”.²³

“Antes, porém, do Pentecostes, Ele vinha mais como um visitante transitório, com o propósito de capacitar certas pessoas para Sua obra especial. A ação do Espírito era mais intermitente do que constante. Vinha sobre indivíduos, operando através deles ou revestindo-os de grande poder para executarem obras especiais. Ele contendeu com homens (Gên. 6: 3); deu habilidade a Bezaleel (Êxo. 31: 3-5); deu forças a Sansão (Juí. 14: 6)”.²⁴

Deve-se notar que Enio dos Santos e LeRoy Edwin From enfatizam a presença do Espírito Santo no povo, não no indivíduo. No Antigo Testamento, como já foi abordado, o Espírito agia sobre indivíduos especiais, mas agora Ele atua no

²³ Santos, 23.

²⁴ From, 28.

povo em geral, de forma coletiva. Do Pentecostes em diante a atuação também se intensifica passando a ser contínua e interna.

“Consideremos a dupla obra do Espírito Santo. No Velho Testamento ele operou no homem, de fora para dentro, mas não habitou permanentemente no homem. Ele lhes aparecia e os revestia de poder, mas nem sempre fixava Sua morada neles. A partir do Pentecostes, porém, foi efetuada uma grande mudança. Sua obra agora é muito especial, bem diferente daquelas realizada em épocas passadas. Fez-se provisão para que Ele entrasse e habitasse em todos os crentes cristãos, e neles operasse de dentro para fora.”²⁵

Pode-se perguntar ainda por que Deus não poderia atuar internamente no Seu povo no Antigo Testamento? Qual foi a razão de tal modificação a partir do Pentecostes? Alguns teólogos respondem da seguinte forma:

“No entanto, a atuação do Espírito nos homens no tempo de Jesus era diferente da atuação hoje. Em João 7: 39 o apóstolo João nos diz das palavras de Jesus: “Isto ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem; pois o Espírito até esse momento não fora dado, porque Jesus não havia sido glorificado”.²⁶

“A descida do Espírito Santo foi um “telegrama” sobrenatural, por assim dizer, anunciando a chegada de Cristo a destra do Pai. (Vide Atos 2:23)... o derramamento do Espírito Santo foi um sinal de que o sacrifício de Cristo foi aceito no céu...”²⁷

“Outro aspecto da autoridade que Cristo recebeu do Pai quando assentou-se [sic] à sua [sic] destra foi a autoridade para derramar o Espírito Santo sobre a igreja. [sic] Pedro disse no dia de Pentecostes: “Exaltado, pois, a destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vêdes e ouvis”” (Atos 2.33).²⁸

Não será tratada a procedência do Espírito Santo como do Pai e do Filho, ou somente do Pai , ou somente do Filho, pois isso fugiria da delimitação do trabalho,

²⁵ Ibidem, 30.

²⁶ Graham, 29.

²⁷ Pearlman, 210.

²⁸ Grudem, 518.

porém, deve-se dar ênfase ao fato de que todas as citações acima afirmam que o Espírito Santo desceu após a entronização de Cristo no Céu. Só então, o Espírito Santo poderia agir internamente no crente de forma coletiva. Somente após a morte, ressurreição, ascensão e entronização de Cristo, o Espírito pode agir de forma interna. O assunto, porém, não foi tratado de forma exaustiva, mas apenas para que se possa fazer diferenciação entre os “dons do Espírito” e o próprio Espírito como um “Dom” no crente.

Será considerada agora a classificação dos Dons do Espírito.

3. Dons do Espírito

Nota-se que muitas são as tentativas de enumerar os dons do Espírito, se pode achar várias formas de classificá-los, quase que o mesmo número de livros é o número de classificações. Variam de nomes e agrupamentos. No Novo Testamento aparecem algumas passagens, mais especificamente nos escritos paulinos, que podem ser utilizadas para se ter uma noção de quantos dons do Espírito os crentes podem receber, isto claro, além do próprio “Dom do Espírito”.

Será feito um esforço para classificar da melhor maneira os “dons do Espírito”, mas ainda de forma superficial, apenas com o objetivo de evidenciar quais seriam os “dons sobrenaturais”, nos quais posteriormente será demandado maior atenção.

Primeiro serão colocados de forma seqüencial os principais textos onde os “dons do Espírito” aparecem, seguindo a ocorrência Bíblica. Depois serão comparadas as várias classificações feitas, mas nem de longe serão citados todos os

autores que tratam o assunto. Por último será definida uma lista de quais dons serão considerados como provenientes do Espírito, os denominados “dons espirituais”.

Antes de serem listados os “dons espirituais” cabe uma explicação. Serão colocados os “dons” conforme aparecem na Bíblia para serem comparados com a relação de cada autor, ao lado um ”X” indicando que o autor cita e considera este item como um “dom do Espírito”. Já o espaço em branco significando que o autor não considera ou não cita o item como “dom espiritual”.

Romanos 12: 6-8	Eurico Bergstén²⁹	Raimundo de Oliveira³⁰	Wayne Grudem³¹	Billy Graham³²
------------------------	-------------------------------------	--	----------------------------------	----------------------------------

Profecia			X	
Ministério			X	
Ensinar			X	
Exortar			X	
Contribuição			X	
Misericórdia			X	
Presidir			X	

I Coríntios 7: 7				
Casamento			X	
Celibato			X	

I Coríntios 12: 8-10				
Palavra de sabedoria	X	X	X	
Palavra de conhecimento	X	X	X	
Fé	X	X	X	X
Cura	X	X	X	X
Operações de Milagres	X	X	X	
Profecia	X	X	X	
Discernimento de	X	X	X	X

²⁹ Bergstén, 130.

³⁰ Oliveira, 131-134.

³¹ Grudem, 439.

³² Graham, 128-174.

espírito				
Línguas	X	X	X	X
Interpretação das línguas	X	X	X	

I Coríntios 12: 28				
Apóstolos			X	
Profetas			X	
Mestres			X	
Operadores de milagres			X	
Dons de curar			X	
Socorros			X	X
Governos			X	X
Variedades de línguas			X	

Eféios 4: 11				
Apóstolos			X	X
Profetas			X	X
Evangelistas			X	X
Pastores			X	X
Mestres			X	X

I Pedro 4: 11				
Se fala			X	
Se serve			X	

Romanos 12: 6-8	Almir Ribeiro Guimarães³³	Enio dos Santos³⁴	John Stott³⁵
Profecia		X	X
Ministério	X		X
Ensinar		X	X
Exortar	X	X	X
Contribuição	X	X	X
Misericórdia	X	X	X

³³ Almir Ribeiro Guimarães, *O Espírito Santo, pessoa, presença, atuação* (São Paulo, SP: Vozes, 1973), 1: 98-102.

³⁴ Santos, 62-63.

³⁵ John R. W. Stott, *Batismo e plenitude do Espírito Santo: o mover sobrenatural de Deus* (São Paulo, SP: Vida, 2002), 65.

Presidir		X	X
----------	--	---	---

I Coríntios 7: 7			
Casamento			
Celibato			

I Coríntios 12: 8-10			
Palavra de sabedoria		X	X
Palavra de conhecimento		X	X
Fé		X	X
Cura	X	X	X
Operações de Milagres	X	X	X
Profecia			X
Discernimento de espírito	X	X	X
Línguas	X	X	X
Interpretação das línguas		X	X

I Coríntios 12: 28			
Apóstolos		X	X
Profetas			X
Mestres			X
Operadores de milagres			X
Dons de curar			X
Socorros		X	X
Governos	X	X	X
Variedades de línguas			

Efésios 4: 11			
Apóstolos	X		X
Profetas	X		X
Evangelistas	X	X	X
Pastores		X	X
Mestres	X	X	X

I Pedro 4: 11			
Se fala			X
Se serve			X

Analisando as relações citadas e comparando com os textos Bíblicos será adotada a seguinte classificação dos dons do Espírito:

Romanos 12: 6-8.

1. Profecia
2. Ministério
3. Ensino/Mestre
4. Exortação
5. Contribuição (doar)
6. Misericórdia
7. Presidir\Liderar

I Coríntios 7: 7

8. Celibato

Em I Coríntios 7: 7 não consideraremos um “dom do Espírito” o casamento, pois este será considerado um dom comum, algo proveniente do Criador como a vida, o alimento e tantos outros. Deve-se considerar que Paulo não menciona claramente o casamento com um dom, mas a passagem pode ser entendida como se ele tivesse o dom do celibato e os demais tivessem outro dom, podendo ser o dom de profecia, de línguas, de cura, etc. Não fica claro que o casamento é considerado nesta passagem como um dom do Espírito.

I Coríntios 12: 8-10

9. Palavra de Sabedoria
10. Palavra de Conhecimento\Ciência
11. Fé
12. Cura e Milagres
13. Discernimento de espírito
14. Línguas

15. Interpretação de línguas

I Coríntios 12: 28

16. Apóstolos

17. Socorro

18. Governos\Administração

19. Evangelistas

20. Pastores

Claro que esta lista não é a última palavra, mas foi inserida apenas para se ter uma noção de quantos são os dons do Espírito. Serão mencionados agora quais dentre estes podem ser chamados de “dons sobrenaturais do Espírito”, que examinaremos a seguir.

Dons sobrenaturais:

1. Profecia
2. Cura e milagres
3. Línguas e interpretação de línguas

Uma vez definido quais são os dons sobrenaturais se torna mais fácil o estudo destes dons nos textos Bíblicos, o que será iniciado no próximo capítulo.

CAPÍTULO II

NO ANTIGO E NOVO TESTAMENTOS

1. Profecia

A ocorrência de manifestação profética está por toda Escritura, ao ponto que sua própria existência é declarada como totalmente em virtude deste Dom. “sabendo, primeiramente, isto: que nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens santos falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (2 Ped. 1:20-21).

Se há algum Escrito Bíblico, este é oriundo da vontade Divina através do dom profético. Mas este dom não passou a existir somente no período de formação do cânon Bíblico, ele há havia sido dado muito antes.

Após a trágica separação entre Deus e a família humana por causa do pecado, houve um modo providenciado divinamente para o homem não perder a comunicação com seu Criador. Esta forma é o Dom Profético.³⁶

No entanto, o que vem a ser o Dom de Profecia? Muitos ramos cristãos discutem entre si a validade e até a especificação deste dom. Os renovados e pentecostais declaram que a profecia é uma “palavra do Senhor” para a orientação de detalhes específicos da vida. Os reformados e dispensacionalistas afirmam que este dom se encerrou quando o Novo Testamento foi concluído e confiar neste tipo de orientação (dom profético) é deixar a Bíblia de lado. Há também uma terceira

³⁶ Arthur L. White, *Ellen G. White: mensageira da igreja remanescente* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993), 9.

posição, aqueles que condenam os exageros pentecostais e ainda acreditam no dom profético.

Quando se compreende melhor a função do Dom de Profecia no Antigo e Novo Testamentos parece mais fácil definir o que é certo ou errado nas posições dos diferentes grupos que aceitam ou negam o dom profético.

No Antigo Testamento a função principal de um profeta era a de ser o mensageiro de Deus, ele era enviado com uma declaração para homens e mulheres. Como vemos em Ageu 1: 13; Obadias 1:1; II Samuel 12:25; II Reis 20:4-6; Jeremias 28:9; 29:9; Ezequiel 13:6; entre outros.

O profeta é mais um “mensageiro da aliança”, enviado para lembrara Israel de sua Aliança com Deus. Chamando o povo ao arrependimento e advertindo-o de suas penalidades (II Cr. 24: 19; Ne. 9:26 e 30; Jr. 7:25; Ml. 4:4-6).³⁷

As palavras do profeta não eram suas próprias declarações, mas provinham da vontade Divina. Um profeta não seguia as inclinações de seu coração, mas levava as palavras de Deus expressas de forma humana aos ouvidos de Seu povo. A proximidade das declarações dos profetas e a mensagem Divina era tão tênue que as vezes o profeta dava a mensagem em primeira pessoa (Êx 4:12; 24:3; Nm 22:38; 23:5 e 16; Dt 18:18, 21 e 22; Jr 1:9; Ex 2:7; 3:17).

Não se deve pensar que ao usar a primeira pessoa o profeta estava desejoso de exaltação própria, muito pelo contrário, a figura do profeta desaparecia ao utilizar a primeira pessoa, assim, ele era apenas o instrumento de Deus para se comunicar com

³⁷ Wayne Grudem, *O Dom de profecia: Do Novo Testamento aos dias atuais* (São Paulo, SP: Vida, 2004), 23-24.

o povo. Ao escutar as orientações Divinas com se fosse o próprio Deus falando, o povo “não se arriscava a desobedecer ou a não acreditar até mesmo na menor parte da mensagem, temendo ser punido pelo próprio Deus”.³⁸

Os profetas do Antigo Testamento sabiam que não estavam falando por si mesmos, mas que pronunciavam palavras de Quem os enviou, sendo esta mensagem tão “autoritativa” como o próprio Deus.

É clara a autoridade exercida sobre o povo através do dom profético no Antigo Testamento, no entanto, quando se observa a utilização da mesma autoridade no Novo Testamento, ou seja, uma função tão “autoritativa” quanto, aparece a função de apóstolo, não a de profeta. Não que os profetas neo-testamentários sejam menos inspirados, mas aparentemente eles tem uma função diferente diante do dom apostólico.³⁹

No Antigo Testamento o Senhor utilizou profetas de diferentes formas, alguns para formar as Escrituras, sendo assim, no Novo Testamento os apóstolos são os quais apresentam esta autoridade canônica, ao escreverem o Novo Testamento. O Dom profético neo-testamentário parece estar sujeito ao dom de apóstolo.

“O mais significativo paralelo entre os profetas do AT e os apóstolos do NT, porém, refere-se a capacidade de escrever as Escrituras, palavras com autoridade divina absoluta”.⁴⁰

³⁸ Ibidem, 26.

³⁹ Ibidem, 31-32.

⁴⁰ Ibidem, 33.

Se for aceita a opinião de Ph.D Grudem apenas os apóstolos tem a autoridade canônica, ou seja, a mesma autoridade dos profetas do Antigo Testamento, o dom profético do Novo Testamento não pode ser enfatizado acima da Bíblia.

O argumento de Grudem não é o único para responder aos abusos do dom profético na atualidade, mas parece ser coerente com a Bíblia.

Sendo assim é fundamental então, esclarecer as qualificações necessárias para ser um apóstolo. Biblicamente podem ser defendidas ao menos duas.

O primeiro critério é visto em Atos 1: 21- 22, onde percebe-se claramente que para ser considerado um apóstolo é necessário ter estado com Jesus.

O segundo se encontra em Atos 4: 33. Um apóstolo deve ser testemunha da ressurreição de Cristo.

Barnabé recebe o título de apóstolo, alguns autores em virtude disso afirmam que ele fazia parte dos 120 de Atos.

Com o avanço da Igreja o termo apóstolo passou a ser aplicado de forma mais informal a outras pessoas e os primeiros apóstolos passaram a ser chamados de “excelentes apóstolos, ou até em algumas versões de “super apóstolos” (II Cor. 12: 11), referindo-se a uma certa diferenciação do dom apostólico deles, como sendo algo singular.

Hoje já não há mais super apóstolos vivos e amenos que novamente o Senhor Jesus Cristo chame alguém para o ministério apostólico, como fez com Paulo, ensinado Ele mesmo o evangelho, as Escrituras não podem ser acrescentadas, muito menos canceladas ou modificadas.

Neste ponto os cessacionistas parecem estar com a razão, uma vez que o dom profético não aparece no Novo Testamento com a mesma autoridade das Escrituras, o período de escritos canônicos terminou com a morte dos apóstolos. Mas parece estarem errados ao afirmarem que o dom de profecia também se extinguiu neste período. Este assunto será tratado mais a frente.

Uma vez aceito o dom profético como vigente, surge a necessidade de se comprovar quais pessoas possuem verdadeiramente este dom.

Primeiramente, para a aceitação do dom profético deve se verificar se as predições do profetas se cumprem conforme ele declarou. Na época do profeta Jeremias o povo foi instruído a usar o critério de “cumprimento das profecias” para se saber se o profeta era verdadeiro, deve-se fazer o mesmo para os profetas atuais (Jer. 28:9). Claro que há ressalvas quanto as profecias “condicionais”. Mas de forma geral se parte, ou até a maioria, das “profecias” não se cumprirem, parece ser mais correto não confiar no que declarou o “profeta”.⁴¹

Em segundo lugar tudo o que foi profetizado deve estar em harmonia com as Escrituras. Parece incoerente, já que Deus conhece todas as coisas desde seu princípio, dar uma mensagem a um profeta e depois mais tarde dar a outro um apagador para cancelar o que o anterior disse. O profeta Malaquias afirma que o Senhor não muda (Ml 3:6) e Tiago 1:17 reforça esta afirmação. Desta forma um

⁴¹ Herbert E. Douglas, *Mensageira do Senhor* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 29-30.

profeta não pode cancelar o que o anterior disse, a não ser que um dos dois não esteja trazendo uma mensagem do Senhor.⁴²

A terceira característica de um profeta são seus frutos. Mateus 7: 15-20 nos informa: “Acautelai-vos dos falsos profetas, que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores. Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? Assim, toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons. Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo. Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis”.

Esta característica exige que se voltem os olhos para a pessoa do profeta, sua vida, sua conduta, procurando alguém confiável, piedoso, fiel aos compromissos, que propaga ensinamentos fundamentados na Palavra de Deus, carregando e elevando a obra Divina a um nível mais próximo de Cristo. Arrogância, exaltação, principalmente uma vida luxuosa e dispendiosa nunca foi ensinada pelo Senhor.

“Diferentemente das duas primeiras provas, a prova dos frutos muitas vezes leva tempo. O “fruto” se desenvolve lentamente. Contudo, a cuidadosa avaliação dos resultados do ministério do “profeta” é tão necessária quanto as duas primeiras provas. O que aparenta ser bíblico e o que talvez se afirme ser “predições cumpridas” pode, em longo prazo, evidenciar-se outra coisa”.⁴³

O quarto requisito é aceitação inequívoca da natureza Divino-humana de Jesus Cristo. Em I João 4:1-3 diz “Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm

⁴² Ibidem, 30-31.

⁴³ Ibidem, 31.

saído pelo mundo a fora. Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem e, presentemente, já está no mundo”. Crer que Jesus é Deus encarnado, ou seja, ao mesmo tempo Deus e Homem é fundamental afirma João.⁴⁴ Ao analisar melhor, parece incoerente que um profeta afirme ser a voz de Deus e não reconheça o Filho de Deus, principalmente a abnegação Divina na salvação da humanidade ao Jesus se tornar carne.

Deve-se notar também que as manifestações físicas que acompanham o dom profético podem se imitadas pelo inimigo, mas quando o profeta preenche as qualificações precedentes as manifestações físicas, que já foram citadas, não podem ser consideradas com oriundas de um espírito enganador.

Quando se analisa os “profetas” de acordo com os critérios estipulados, poucos estão aprovados, no entanto, não é motivo para se achar que a posição de total extinção do dom profético está correta. Ph. D. Herbert E. Douglass apresenta que o aparecimento de profetas está ligado a momentos de crise.

“Deus é muito compassivo e solícito com Seu povo, especialmente quando Ele se revela em períodos de crise. O aparecimento dos profetas muitas vezes se acha ligado a grandes crises. Assim quando surge um profeta, devemos examinar a natureza da crise. E ao estudarmos a crise, devemos olhar para a mensagem do profeta. Pense no Dilúvio, e Noé virá a sua mente. Israel no cativeiro egípcio – Moisés. Terrível opressão – Débora, e mais tarde, Samuel. Terrível apostasia – Elias. Trágica decadência nacional – Isaías e Jeremias. Cativeiro sombrio – Daniel e Ezequiel. Nascimento da igreja cristã – Pedro e Paulo...”⁴⁵

⁴⁴ Ibidem, 31.

⁴⁵ Ibidem, 39.

Os profetas de hoje parecem não ter a qualificação canônica, suas mensagens não substituem ou tem maior valor que a Bíblia, mas não são menos inspirados por isso. A diferença é funcional e a Bíblia é a autoridade maior da revelação, pois nela está Cristo Jesus. Aceitando estes conceitos parece claro que um profeta não pode ter autoridade acima da Bíblia.

2. Curas e Milagres

Decidiu-se agrupar os dons de curas e milagres devido a proximidade da definição de ambas. Nem todo milagre é manifesto através de curas, no entanto, toda cura que se manifesta é considerada um milagre. Portanto, curas e milagres serão tratados de forma agrupada.

A etimologia da palavra “milagre” vem do latim *milaculum*, que significa “objeto de admiração”, “maravilha”, “prodígio”. O conceito Bíblico de “milagre” não é muito diferente.⁴⁶

Algumas palavras hebraicas são traduzidas como milagre: *Gedolôt* (poderosas ações, grandes coisas); *Nipla'ot* (maravilhas); *'Ot* (marca, sinal, prodígio); *Nes* (insígnia, emblema, advertência).

Palavras gregas também são traduzidas com o mesmo sentido: *Dynamis* (habilidade inerente, poder); *Semeion* (sinal); *Teras* (prodígio, presságio, portentoso, maravilha); *Thaumásion* (coisa admirável); *Ergon* (obra, fazer, agir, trabalhar).⁴⁷

⁴⁶ Marcos de Benedicto, *O Fascínio dos milagres: Uma visão Bíblica dos fenômenos de cura* (Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2006), 6.

⁴⁷ *Ibidem*, 6-8.

A definição de milagre no sentido Bíblico seria algo próximo a “intervenção graciosa, visível e intencional de Deus no mundo [sic], com múltiplos propósitos. O milagre não é sagrado em si, mas um sinal que aponta para ele”. Ou talvez se prefira algo mais coeso como “um ato especial de Deus no mundo natural, alguma coisa que a natureza por si mesma não faria”.⁴⁸

Seja como for, ainda existe a curiosidade de como o milagre é possível, ou como funciona. Na tentativa de se dar uma resposta aparecem três posições como as mais divulgadas: (1) Perspectiva Naturalista, (2) Perspectiva Anti-naturalista e (3) Perspectiva Intervencional.

Perspectiva Naturalista: “Para os adeptos do naturalismo, o milagre é apenas um prodígio condicionado à natureza e à percepção do espectador. Ou seja, o “milagre” na verdade não seria milagre, mas apenas um fenômeno natural desconhecido ou mal interpretado pelo observador”⁴⁹. Essa talvez seja a perspectiva que mais se encaixe com a posição de muitos cientistas atuais e simpatizantes da Nova Era. Adotando este conceito muitas pessoas se sentem mais tranqüilas, pois deslocam o foco do desconhecido e talvez assustador, para algo familiar, mais comum a elas. Substituem o conceito de poder Divino pela percepção humana (no caso ignorância), tira-se Deus e coloca-se a ciência. O não fazer milagres é oriundo da ignorância.⁵⁰

Perspectiva Anti-naturalista: O milagre é uma suspensão das leis da natureza por iniciativa Divina. O Criador estaria violando as leis que Ele próprio estabeleceu.

⁴⁸ Ibidem, 8.

⁴⁹ Ibidem, 8.

⁵⁰ Ibidem, 9.

As leis naturais seriam violadas para permitir a realização de algo que elas não permitem que aconteça. Quem sabe a levitação ou flutuar sobre as águas.⁵¹

Perspectiva Intervencionista: “Seria a ação especial de Deus no Mundo, dentro de Sua constante atividade, sem romper a ordem natural. Isso não significa que o milagre é contrário a natureza, mas sim às nossas expectativas em relação ao funcionamento da natureza”.⁵² A ação Divina através dos milagres seria a utilização de leis superiores para ultrapassar ou neutralizar uma lei inferior. Marcos De Benedicto chega a chamar tais acontecimentos como efeitos hollywoodianos para chamar a atenção do público, ou impressioná-los. Deus não viola suas leis, apenas utiliza um conhecimento que nunca será alcançado.

Estes conceitos parecem ser muito próximos, mas todos com certa deficiência para explicar o ato milagroso. Na Perspectiva Naturalista Deus não existe, ou se existe não opera de forma alguma, tudo pode ser explicado. Já a Perspectiva Anti-naturalista Deus aparece, mas é um Ser arbitrário, que manipula as leis para realizar seus intentos. As regras naturais são para os seres criados, mas O Criador não as obedece. A perspectiva Intervencionista parece se aproximar mais do conceito Bíblico, pois reconhece Deus, aceita Sua atuação e respeito pelas leis. No entanto, falha aparentemente, ao colocar Deus como apenas um Conhecedor de certas leis. A diferença entre o Criador e as criaturas seria apenas conhecimento? Dar vida as coisas inanimadas seria resultado de conhecimento de leis? Será que se Lúcifer tivesse podido adquirir mais conhecimento teria conseguido seu intento de se igualar a Deus?

⁵¹ Ibidem, 10.

⁵² Ibidem, 12.

Esta última perspectiva não parece satisfazer a necessidade, por isso, será proposta uma quarta perspectiva, não se sabe, porém, se alguém já advoga esta idéia, provavelmente como “não há nada de novo de baixo do Céu”, ela já deva ter sido proposta por alguém, mas não se teve a oportunidade de achá-la em algum livro.

Perspectiva Divino-Natural Intervencionista: Deus existe, age de forma coerente com Suas leis, não transgredindo qualquer que seja, Sua atuação nos milagres envolve a utilização de leis desconhecidas ao homem, no entanto, existe algo mais. O que separa o homem de Deus é Sua autoridade como Criador. Como Criador Ele tem conhecimento para utilizar leis que interferem em leis inferiores, mas também tem conhecimento do futuro que não permite que ele seja pego de surpresa. Deus não está refém de Suas leis, apesar de preferir não quebrá-las. Deus é o Criador, por isso só Ele tem autoridade sobre as leis que criou, mas o que o diferencia é Sua Própria Natureza. A Onisciência, Onipresença e Onipotência de Deus, O faz qualificado para ser Deus. No entanto, esta posição não deve ser a última explicação para os Milagres de Deus.

Deixando de lado a funcionalidade dos milagres, parece necessário analisar a confiabilidade dos milagres e curas atuais de forma Bíblica.

Os milagres e curas não parecem ser eventos casuais, sem uma finalidade objetiva. A Bíblia dá significado para a ocorrência de Milagres:

Revelação da Glória (Jo. 11:4) “Os Milagres servem para glorificar a Deus”.⁵³
Quando Deus manifesta Seu poder miraculoso, juntamente com Seu amor infinito, pode ser vista a Sua Glória, a superioridade de Deus em comparação com a

⁵³ Ibidem, 33.

insignificância humana diante dos problemas chama a atenção dos seres e O exalta aos olhos dos expectadores. O Nome de Deus é levantado acima de qualquer outro nome gerando fé, temor e principalmente glorificação. O Objetivo do milagre é exaltar a Deus.

Transbordamento do amor (Mc. 1:40-42; 6:34; 8:22; Mt. 20:29-34; Lc. 7:13; Jo. 5:6): “Os milagres servem para expressar o amor de Deus”.⁵⁴ Em nenhum momento a Bíblia apresenta um milagre ocorrido para benefício próprio, mas sim, por motivo de compaixão e amor Divino. Os milagres são a demonstração de preocupação, interesse e amor de Deus para os seres caídos. Deus não é indiferente a necessidade e sofrimento humano, mas quando o ato de ajudar é coerente com Sua vontade, ele realiza milagres.

Selo de autenticação (Êx. 3:11, 12 e 20; At. 14:3; II Cor. 12:11): “Os milagres servem para autenticar um mensageiro ou uma missão divina. Eles têm um valor didático e comprobatório”.⁵⁵ Esta talvez seja a função mais conhecida de um milagre, mesmo que muitas vezes mal utilizada, o milagre tem o objetivo de dar um aval Divino a pessoa que realiza. No entanto, vale lembrar que existem milagres que não provêm de Deus. A principal maneira de reconhecer a atuação Divina através de alguém não são milagres e curas, pois alguns até o inimigo pode imitar (Mt 7:22 e 23).

⁵⁴ Ibidem, 34.

⁵⁵ Ibidem, 35.

Demonstração de poder (Dn 2:47; Êx 12:12; Mt 12:26 e 28): “O milagre serve para atestar a supremacia de Deus sobre deuses rivais”.⁵⁶ Deus permite que o Seu poder seja colocado em comparação, desta forma torna-se visível que não há outro Deus. Nenhum ser é todo poderoso como Deus, aquilo que parece difícil ou impossível aos todos os seres é possível a Deus. A demonstração de fantásticos milagres demonstram Quem está no comando de todas as coisas.

Ênfase na Verdade (Mc 3:1-6; Lc 13:10-17; Jo 5:11): “Os milagres servem para ensinar ou ressaltar uma verdade”.⁵⁷ Os milagres atraem a atenção para algo que esta esquecido. Ao Jesus curar no sábado dá o verdadeiro sentido para este dia. Não era um fardo, mas um dia de alegria e também de se fazer o bem. Os atos de Jesus lhe davam oportunidade de ensinar uma verdade.

Potencialização da pregação (At. 4:29 e 30; Rm. 15:18 e 19): “Os milagres servem para fortalecer a igreja e ampliar o alcance do seu ministério. Há evidências em Atos de que o sucesso e a popularidade iniciais da igreja cristã se deveram, em parte, aos milagres.”⁵⁸

Anúncio Messiânico (Mt 11:5, 9; Jo 10:41): “Os milagres servem para anunciar os tempos messiânicos”⁵⁹ Falsos mestres eram comuns na época de Cristo, os milagres serviram para identificar as credencias do Messias.

Sinais do Reino (Jo. 2:11; 4:46-54; 5:1-8; 6: 1-13; 9: 1-12; 11:1-46): “Os milagres servem de sinais de uma realidade espiritual mais profunda”.⁶⁰ Os milagres

⁵⁶ Ibidem, 36.

⁵⁷ Ibidem, 39.

⁵⁸ Ibidem, 41.

⁵⁹ Ibidem, 43.

de cristo possuem dois níveis: metafórico e escatológico. O metafórico serve para demonstrar a suficiência de Cristo e o escatológico as mudanças no Mundo por vir.

Observar as facetas de um milagre é importante, pois todas tem o seu valor. Mas se fosse para escolher a mais importante característica de um milagre, seria o de sinal. No entanto, não se deve esquecer que a ênfase está na mensagem por detrás do prodígio. Um milagre sempre aponta para algo maior. A verdadeira Fonte do milagre é maior do que o milagre.

Existem algumas práticas de curas que estão em destaque, como a fé no poder mental, a visualização, os lugares sagrados, as relíquias, a intercessão dos santos, os sacramentos, as orações mediúnicas, a regressão, orações intercessórias, mas quais destas seriam corretas ou teriam base Bíblica?

Alguns princípios podem ajudar a identificar qual prática de cura está de acordo com a vontade divina ou não e pode ser usada também para os supostos operadores de milagres:

Princípio 1: Cura, ensino e pregação devem estar juntos (Mt 9:35). Sendo a cura um sinal ela deve ser dirigida a pregação do Evangelho do Reino. Curar sem apresentar a doutrina da salvação é sem significado, sem motivo e não Bíblico.

Princípio 2: A cura espiritual é mais importante que a cura física (Mt 8:1-4; Mc 2:1-12). Salvar para vida eterna é mais importante do que salvar para esta vida. Se o pregador desconsidera o aspecto da cura espiritual certamente está fora do padrão Bíblico.

⁶⁰ Ibidem, 43.

Princípio 3: O pedido de Cura deve se feito direto a Deus (Êx 15:26; I Tm 1:15). Deus é Único e Absoluto, a cura vem Dele. Se a cura for realizada em nome de qualquer outra pessoa que não pertença a Trindade, não pode ser considerada como Bíblica. Todos os apóstolos e cristãos realizavam milagres em nome de Deus, somente de ao menos uma Pessoas da Trindade.

Princípio 4: O operador deve ter um relacionamento salvífico com Deus (Mt 7: 22 e 23). Aquele que opera milagres, mesmo em nome de Jesus, mas não tem um relacionamento salvífico com Ele, fazendo Sua vontade e expressando Seu caráter, não pode ser Seu representante.

Princípio 5: As regras da medicina preventiva devem ser aceitas e hábitos prejudiciais a saúde condenados (Dt 11 e 28). Obter cura para continuar agindo de forma errada nos cuidados do corpo seria tentar a Deus.

Princípio 6: O operador de milagres deve reconhecer a humanidade e Divindade de Jesus (I Jo 2:22; 4:2 e 3). Quem diminui a natureza Divino-Humana de Cristo não passa no teste Bíblico.

Princípio 7: Milagres para obter popularidade e fama é condenável (Mc 1:44; 5: 43; 7 :36 e 37). Roubar a glória eu cabe unicamente a Deus é contrariar a vontade Divina.

Princípio 8: Não se deve receber pagamento pela cura (II Rs 5; At. 8: 18-24). Deus dá o dom de graça, para o bom uso em Sua causa, não para benefícios financeiros.

Princípio 9: O operador não deve viver em pecado (I Jo 3:8). Não pode haver parceria entre a luz e as trevas, isto não exige perfeição, mas exige que operador não possa levar uma vida de desrespeito a vontade de Deus.⁶¹

As curas e milagres parecem ser um mistério, mas o objetivo de suas realizações não são misteriosas, servem para o avanço do propósito Divino.

3. Línguas e Interpretação de Línguas

Há necessidade, uma vez querendo conhecer os ensinamentos Bíblicos quanto ao Dom de Línguas, de se examinar as principais passagens do Novo Testamento que mencionam este dom. Sendo assim, de forma cronológica aos acontecimentos cada relato será apresentado. Será utilizada em grande parte a sistematização feita pelo Ph. D. Jean R. Zurcher por parecer mais coerente ao sentido Bíblico.⁶²

1 – Marcos 16:17

Mesmo com a grande dúvida quanto a confiabilidade do texto, sendo ele ou não pertencente ao autógrafo, será considerado como se fosse. Esta é a primeira menção do dom de línguas, que por sinal é feita pelo próprio Jesus. O evangelista Marcos foi o único a registrar este detalhe. Neste momento o dom aparece como promessa e para a evangelização do Mundo.

A palavra “nova” não aparece como línguas que ainda não existiam, ou que não eram conhecidas pela humanidade (como línguas faladas em outro lugar do Universo), mas “novas línguas” para os discípulos, línguas de outras nações que eles

⁶¹ Ibidem, 119-126.

⁶² Jean R. Zurcher, “O Dom de Línguas Segundo a Bíblia”, *Ministério*, setembro/Outubro de 1977, 20-22.

não haviam aprendido e passaram a falar de forma perfeita, é o que afirma a autora americana Ellen G. White.

“Um novo dom foi então prometido. Deviam pregar entre outras nações, e receberiam poder de falar outras línguas. Os apóstolos e seus cooperadores eram homens iletrados, todavia mediante o derramamento do Espírito, no dia de Pentecostes, sua linguagem, fosse no próprio idioma ou num estrangeiro, tornou-se pura, simples e correta, tanto nas palavras como nos acentos”⁶³.

O evangelista Lucas faz uma melhor elucidação.

2 – Atos 2: 1-13.

Este relato parece ser a mais significativa passagem sobre o dom de línguas, pois Paulo trata o Dom de Línguas tal com ele aparece na Igreja de Coríntios. Lucas utiliza só uma vez a expressão “falar em Línguas” (v. 4) e nos versos 6 e 8 aparece uma nova palavra *dialectos*, ou seja dialeto, muito diferente de *glossai*, línguas, o que demonstra uma preocupação em evidenciar que se tratava de uma língua própria de uma nação específica.

“O Espírito Santo, assumindo a forma de línguas de fogo, repousou sobre assembléia. Isto era um emblema do dom então outorgado aos discípulos, o qual os capacitava a falar com fluência línguas com as quais nunca tinham entrado em contato... Esta diversidade de línguas teria sido um grande embaraço à proclamação do evangelho, Deus, portanto de maneira miraculosa, supriu a deficiência dos apóstolos. O Espírito Santo fez por eles o que não teriam podido fazer por si mesmos em toda uma existência. Agora podiam proclamar as verdades do evangelho em toda a parte, falando com perfeição a língua daqueles por quem trabalhavam. Este miraculoso dom era para o Mundo uma forte evidência de que o trabalho deles levava o sinete do Céu. Daí por diante a linguagem dos discípulos era pura, simples e acurada, quer falassem eles idioma materno ou numa língua estrangeira”⁶⁴.

⁶³ Ellen G. White, *O Desejado de todas as nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), 611.

⁶⁴ Ellen G. White, *Atos dos apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1999), 39.

3 – Atos 10:46

Nesta sessão o dom de línguas aparece correlacionado com a conversão do primeiro gentio, o centurião Cornélio.

As línguas referidas não parecem ser línguas ininteligíveis, pois Pedro e seus companheiros os ouviam e louvavam a Deus por isso (Atos 11:15). Pedro estabelece uma relação entre o ocorrido e o dia de Pentecostes, onde as línguas faladas serviam para anunciar o evangelho e eram entendidas pelos que lá estavam. No entanto, a barreira lingüística não era o problema como centurião Cornélio e Pedro, qual seria, então, o motivo da manifestação do mesmo dom? A resposta aparece claramente no contexto, as línguas faladas constituíam um sinal para Pedro e a Igreja que Deus não faz acepção de pessoas, mas o evangelho deveria ser pregado aos gentios também.⁶⁵

4 – Atos 19: 1-6

Esta é a última menção do dom de línguas no livro de Atos. Apesar de haver especulações quanto este evento ser um mini pentecostes providenciado por Deus para assegurar a posição apostólica de Paulo, o que realmente o texto parece apresentar é que estes discípulos manifestaram o dom de línguas com mesmo propósito do dia de pentecostes, ou seja, a pregação do evangelho à lugares com outras línguas, neste caso, provavelmente na Ásia Menor.⁶⁶

⁶⁵ Zurcher, 21.

⁶⁶ Ibidem, 22.

Um outro por menor deve ser mencionado quanto as características do dom de línguas, por permitir aparentemente a diferenciação do verdadeiro e falso dom, ocorrido, como sugere Zurcher, na igreja de Coríntios⁶⁷.

5 – I Coríntios 14.

Nesta passagem Paulo trata do problema ocorrido na Igreja de Coríntios quanto ao “falar em línguas”. Ninguém tem plena certeza de todos os dados do problema que ocorria, mas parece haver modalidades diferentes de “falar em línguas” sendo debatidas.

Em Jerusalém os discípulos falaram em línguas e todos entenderam, porém em Coríntios “quem fala em língua, não fala a homens, senão a Deus, visto que ninguém o entende, e em espírito fala mistérios”, a pessoa “fala consigo mesma e com Deus” (I Cor. 14:2 e 28). Claramente aparece uma enorme diferença, como então estabelecer um parâmetro que permita a compreensão?

Ao ler o texto no original há uma clara diferenciação na passagem do emprego alternado das expressões “falar em língua”, no singular, e “falar em línguas”, no plural. Apesar da diferença parecer insignificante, não é, pois parece solucionar a contradição. A expressão “falar em língua”, no singular, aparece sempre acompanhada de observações negativas ou restritivas, enquanto que a expressão “falar em línguas”, no plural, aparece essencialmente sobre um aspecto positivo.⁶⁸

“Paulo estabelece com clareza – parece-nos - a diferença radical que existe entre o “falar em línguas”, dom do Espírito que tem em vista a comunicação inteligível da mensagem de Deus aos homens de outras línguas, e o “falar em língua”, dos coríntios, constituindo

⁶⁷ Ibidem, 17-21.

⁶⁸ Ibidem, 17.

numa torrente de *palavras misteriosas e ininteligíveis*, que não edificam a pessoa alguma e às quais ninguém podia dizer “Amém”, visto que não se entendia o que era dito (v. 16).⁶⁹

Como declara Zurcher, parece haver uma diferença entre o “falar em línguas”, como o ocorrido no Pentecostes, e o “falar em línguas, da igreja de Corinto. Este último parece ter as mesmas características da Glossolalia, do falar estático de nossos dias, visto nas igrejas carismáticas e pentecostais. Nota-se, também que esta forma de falar já era observada entre os pagãos na antiga Grécia, utilizada com frequência nos cultos a Delfos.⁷⁰

O fato de Paulo não ter condenado veementemente a prática da glossolalia, talvez, seja proveniente da sinceridade em que agiam e da ignorância dos membros de Corinto sobre o assunto. Paulo parece agir com amor e paciência com suas novas “crianças” em Cristo. (I Cor. 14:20)⁷¹.

Após serem apresentados os dons sobrenaturais de forma mais detalhada, com suas problemáticas e aparentes soluções, se faz necessário serem abordados no próximo capítulo os grupos de cristãos da atualidade que possuem visões similares ou opostas quanto a existência destes dons sobrenaturais hoje.

⁶⁹ Ibidem, 18.

⁷⁰ Ministério, 18.

⁷¹ Ibidem, 20.

CAPÍTULO III

TEORIAS ATUAIS

1. Os dons cessaram

Os dons sobrenaturais foram necessários nos primórdios da igreja cristã, mas hoje são desnecessários, por isso, desapareceram. Os argumentos dos defensores deste ponto de vista serão resumidos, conforme apresentado por Marcos de Benedicto.⁷²

Primeiramente, o Pentecostes é único, não ocorrerá novamente. Os defensores do cessacionismo afirmam ser o batismo com o Espírito Santo e fogo o auge do ministério de Cristo, servindo para validar Seu ministério como um todo⁷³. Na perspectiva teológica de Lucas a ressurreição, ascensão e Pentecostes formam uma unidade indivisível, coesa, apesar de serem acontecimentos distintos no tempo.⁷⁴ A coroação da obra de Cristo é manifesta no Pentecostes.

Em segundo lugar, os apóstolos precisavam ter seus ministérios confirmados. O Espírito Santo derramado no dia de Pentecostes foi a confirmação pública que os ajudaria em sustentar as verdades dos ensinamentos, morte e ressurreição do Messias.⁷⁵

O terceiro argumento ressalta que a igreja primitiva tinha relativamente poucos milagres. Os milagres eram recebidos como novidade e surpresa pelas

⁷² Marcos de Benedicto, "O Toque da fé: paradigmas bíblicos da cura divina" (Dissertação de M. Th., Seminário Latino-Americano de Teologia, Engenheiro Coelho, SP, Brasil, janeiro de 2001).

⁷³ Marcos de Benedicto, "Carismas no Século XXI?" *Parousia*, 1 (2000): 60.

⁷⁴ *Ibidem*, 60.

⁷⁵ Benedicto, *Parousia*, 60-61.

testemunhas (At. 9:35, 42), demonstrando que não ocorriam em qualquer lugar ou hora. Apenas os apóstolos e um restrito grupo de pessoas realizava milagres.⁷⁶

Em quarto lugar, os milagres são o marco de uma nova era. O dom de línguas era a marca do fim do velho sistema, da teocracia judaica para a igreja internacional de Jesus Cristo.⁷⁷

Os argumentos apresentados parecem não ser de todo ruins, pois apresentam pontos positivos como: (1) O pentecostes e a missão de Cristo estão ligados entre si; (2) A posição apostólica é valorizada na formação da igreja e na formação do Cânon do N. T.; (3) Parece reconhecer que os dons miraculosos de hoje não estão relacionados com os realizados no período apostólico; (4) Enfatiza os aspectos ligados ao fruto do Espírito; e (5) Condena o culto desorganizado.⁷⁸

Em contra partida, parece haver muitos pontos negativos como: (1) Falta de base Bíblica para o término dos dons; (2) Afirmar que os dons são desnecessários para o cumprimento da missão evangelística cristã; (3) Limitar ao passado a atuação através dos dons sobrenaturais do Espírito Santo; e (4) Considera toda manifestação sobrenatural como falsa ou não de fonte divina.⁷⁹

Para melhor compreensão da amplitude do assunto, sendo que a complexidade do assunto de continuidade dos dons sobrenaturais não se resumem em “contínuos” e “não contínuos”, será tratado o próximo tópico.

⁷⁶ Ibidem, 61.

⁷⁷ Ibidem, 61.

⁷⁸ Benedicto, “O Toque da fé: paradigmas bíblicos da cura divina”, 110.

⁷⁹ Ibidem, 111.

2. Pentecostal e carismática

A posição Pentecostal e carismática defende a necessidade indispensável da existência atual dos dons sobrenaturais para a efetivação da missão evangelística cristã. Os principais argumentos utilizados para tal definição foram agrupados em cinco pontos.

O primeiro afirma ser um dos propósitos do milagre ampliar o evangelismo cristão. Sendo necessário aos apóstolos um poder especial, tão necessário quanto é hoje a existência destes dons. Mateus 28:18 e 20, João 14:12 e 16 são exemplos na promessa de Cristo aos fiéis de que não os deixaria sozinhos.⁸⁰

Segundo, as listas de dons nas Escrituras não apresentam todos os dons existentes. A maneira em que Paulo menciona os dons sugere a existência de outros dons não mencionados, visto que onde os dons são citados hora uns hora outros, não aparece uma lista completa e final. Poderiam ser citados outros dons, como o da música que não aparece em nenhuma das listas.⁸¹

Em terceiro lugar se argumenta que a igreja é um organismo vivo, como um corpo com muitos membros, para funcionar bem precisa de todos os membros. Pode viver sem uma parte do organismo se esta ao for tão vital, mas não funcionará bem. A Igreja precisa de todos os dons para funcionar bem, pode viver sem alguns, mas não funcionará corretamente.⁸²

⁸⁰ Ibidem, 112.

⁸¹ Ibidem, 113-114.

⁸² Ibidem, 114-115.

O quarto argumento é que a história registra testemunhos de milagres em fases tardias da igreja. Como Justino Mártir (c. 100-165 d.C.), Orígenes (c. 185-254 d.C.) e Teodoro de Mopsuestia (c. 350-428 d.C.).⁸³

O último argumento se baseia em I Coríntios 13, onde se sugere que os dons/sinais prosseguirão até a Parousia. Na volta de Cristo os dons, que são em parte, imperfeitos, segundo a Bíblia, serão aniquilados, ou seja, deixarão de existir. A não ser o amor, que nunca passará.⁸⁴

A segunda posição apresentada, pentecostal e carismática, pode ser vista de forma positiva, quando enfatiza alguns pontos como: (1) A identificação entre a igreja apostólica e a atual quanto ao acesso dos dons; (2) Dons como instrumentos úteis hoje na edificação Igreja; (3) Deus atua no mundo de forma poderosa; (4) Oração como extremamente necessária; e (5) Estar sempre disposto à atuação do Espírito santo através da Igreja.

No entanto, os pontos negativos desta perspectiva parecem ser os seguintes: (1) Subestimar a singular obra de Cristo na realização de milagres; (2) A utilização atual do *status* de apóstolo; (3) O batismo como obra subsequente à conversão; (4) Experiência e subjetivismo acima do estudo da Palavra de Deus; (5) A cura física disponível para todos e agora; (6) Dons do Espírito acima dos Frutos do Espírito; (7) Discriminação aos que não manifestam o “dom de língua”; e (8) Recusa de métodos convencionais de cura.⁸⁵

⁸³ Ibidem, 115-116.

⁸⁴ Ibidem, 117.

⁸⁵ Ibidem, 117-119.

Uma vez apresentadas as posições mais antagônicas, cessacionismo e Pentecostal/Carismática, se faz necessária a última posição que trataremos neste trabalho.

3. Cíclica

A abordagem cíclica pode ser avaliada da mesma forma, enfatizando alguns pontos como principais.

A profecia de Joel parece ter dois sentidos, é o primeiro argumento. Esta visão cíclica favorece a continuação dos dons sobrenaturais em épocas específicas de duas maneiras: (1) Pedro aplica a passagem à realidade do Pentecostes e para o futuro (At. 2);⁸⁶ (2) A profecia de Joel aponta claramente para o “tempo do fim”, começando na época do Pentecostes, mas isso não exclui o fim do “tempo do fim”, pelo contrário, ressalta sua necessidade.

O segundo argumento afirma que a metáfora das chuvas “temporã” e “serôdia” sugerem dois movimentos. Utilizando o conhecimento comum à época, os profetas muitas vezes representaram o poder da presença de Deus através destes símbolos (Jó 29:23; Jl. 2:23; Os. 6:3; Je. 3:3; 5:24; Zc. 10:1 e Tg. 5:7). A experiência do Pentecostes é simbolizada pela chuva temporã e a experiência da última geração, a qual preparará o Mundo para o retorno de Cristo, com a chuva serôdia. Parece óbvio que a utilização do simbolismo indica que o movimento se repetirá.

Em terceiro lugar aparece o argumento de que os milagres acontecem em “ondas”. Uma leitura superficial da Bíblia já se mostra suficiente para verificar que os

⁸⁶ Ibidem, 120-122.

milagres ocorrem em períodos, basicamente cinco: Criação, êxodo, apostasia de Israel, cativeiro babilônico e ministério de Jesus com os apóstolos.⁸⁷

Quarto, a ocorrência de milagres diabólicos no fim dos tempos pressupõe milagres divinos. O inimigo de Deus tenta desvirtuar a religião verdadeira estabelecendo um sistema paralelo de culto, quanto mais o tempo do fim se aproxima, maior se tornam os ataques.

Último, O anjo de Apocalipse 18:1 pode simbolizar um movimento de evangelização no final dos tempos. Este anjo é simbólico, como sugere o contexto, representando um forte movimento de pregação do evangelho, com palavra de autoridade. O que pode ser entendido como a manifestação dos dons sobrenaturais.⁸⁸

Da mesma forma que as posições anteriores, a visão cíclica também possui pontos positivos e negativos. Os negativos podem ser: (1) Argumentos, em parte, dedutivos; e (2) Comodismo ao esperar o novo ciclo de milagres ou manifestações. E os positivos: (1) Alto conceito do Pentecostes e do Cânon Bíblico;⁸⁹ (2) Explica a abundância e escassez de milagres em períodos variados; (3) Respeita a autonomia do Espírito Santo na distribuição de dons; (4) Respeitando os dados Bíblicos incentiva a busca do poder espiritual; (5) Pressupõe que os milagres caminham em círculos de forma conjunta com a história, se dirigindo a um mesmo fim.

Parece necessário algumas considerações sobre o que foi apresentado neste trabalho, sintetizando da forma mais proveitosa e coerente as problemáticas e a soluções propostas.

⁸⁷ Ibidem, 124-125.

⁸⁸ Ibidem, 129-130.

⁸⁹ Froom, 91-106.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença do Espírito Santo no crente, ou na igreja, é um Dom de Deus, ou seja, o próprio Espírito é um Dom. O Espírito Santo é Aquele que distribui os demais dons a Igreja. Há muitos tipos de dons, a Bíblia apresenta uma lista grande e variada de dons, mas esta lista não é completa, ou seja, não está relacionado nela todos os dons existentes. Um exemplo disto é o dom da música que não aparece na relação de dons, no entanto, inquestionavelmente é um dom de Deus. Os dons podem ser definidos como provenientes do Espírito santo e ao mesmo tempo como um presente de Deus para a edificação de Sua Igreja.

Dentre estes muitos dons existem três que chamam a atenção devido sua natureza “sobrenatural”, ou seja, um acontecimento fora da naturalidade, algo inexplicável e de natureza divina. São eles o dom de profecia, o dom de cura e o dom de línguas. Estes três são vistos de forma especial pelos grupos cristãos, criando até uma separação entre eles. (1) Os que não aceitam a manifestação atual destes dons, com se eles pertencessem ao período de formação canônica, são chamados cessacionistas. (2) Outro grupo que dá muita ênfase as manifestações sobrenaturais, como sendo a evidência da atuação do Espírito em determinado crente ou grupo, os chamados carismáticos e pentecostais. (3) E por último, um grupo que se encontra entre estas duas posições, não aceitando a inexistência destes dons, nem a ênfase exagerada da ocorrência destes fenômenos, são os que aceitam a ocorrência cíclica dos dons.

Em nenhum relato Bíblico o dom de profecia teve sua validade expirada, nem antes ou depois da manifestação de Atos 2 o dom de profecia deixou de existir. A Bíblia apresenta em 1 Coríntios 14:1 “segui o amor e procurai, com zelo, os dons espirituais, mas principalmente que profetizeis.”, isto mostra que o dom não se extinguiu. Uma diferença na funcionalidade ou propósito deste dom pode ser vista no Novo Testamento com relação ao Antigo Testamento como advogam alguns. O dom de profecia, hoje, não serve dar continuidade aos escritos canônicos, mas pode ajudar a compreendê-los melhor. Algo que não pode ser esquecido, porém, é o fato deste dom não ser visto com muita frequência na igreja. Profetas que sejam aprovados nos testes Bíblicos são muito raros, por isso a visão cíclica do aparecimento dos dons sobrenaturais parece ser a mais coerente.

Os dons de cura e línguas também podem se enquadrar na ocorrência cíclica, ou seja, de “onda” como foi apresentado no trabalho. Apesar de que dos três dons o que mais aparece na história da Igreja é o de cura.

Uma ênfase exagerada é vista também sobre o dom de línguas, quanto a isto, a argumentação de Jean R. Zurcher, apresentada no trabalho, parece ser a mais Bíblica. Quando a referência Bíblica cita o “dom de língua”, no singular, se refere a línguas ininteligíveis, que não são aceitas ou incentivadas por Paulo, porém, quando se utiliza o termo “dom de línguas”, no plural, o dom é incentivado por Paulo e se refere ao dom manifesto no dia de Pentecostes.

A posição mais Bíblica que se chegou com os estudos realizados por este trabalho é a aceitação dos dons como vigentes ainda hoje, porém, só devem ser aceitos com o selo divino só quando apresentarem as características Bíblicas. Porém, ao findar este trabalho que o pensamento seja que “O mundo não será convertido pelo dom de línguas, ou pela operação de milagres, mas pela pregação de Cristo crucificado”.⁹⁰

⁹⁰ Ellen G. White, *Testemunhos para ministros e obreiros evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002), 424.

BIBLIOGRAFIA

Benedicto, Marcos de. “Carismas no Século XXI?”. *Parousia* 1 (2000): 60-72.

_____. “O Toque da fé: paradigmas bíblicos da cura divina”. Dissertação de M. Th., Seminário Latino-Americano de Teologia, Engenheiro Coelho, SP, Brasil, janeiro de 2001.

_____. *O Fascínio dos milagres: Uma visão Bíblica dos fenômenos de cura*. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2006.

Bergstén, Eurico. *Introdução à teologia sistemática*. Rio de Janeiro: Cpad, 1999.

BibleWork 6.0

Coenen, Lothar. *Diccionario teologico del nuevo testamento*. Vol. 2. Espanha: Ediciones Sigueme, 1986.

Douglas, Herbert E. *Mensageira do Senhor*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

Froom, LeRoy Edwin. *A vinda do Consolador: nossa mais urgente necessidade*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1991.

Gerhard, Friedrich, e Bromiley, Geoffrey W. *Theological dictionary of the New Testament*. Grand Rapids, EUA: William B. Eerdmans Publishing Company, 1983. 9: 404-405 e 6: 332, 876.

Gonzalez, Lourenço Silva. *Assim diz o Senhor!*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1986.

Graham, Billy. *O Poder do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Cpad, 2001.

Grellmann, Hélio L., e Lessa (Ed.), Rubens S. *Nisto cremos: 27 ensinamentos bíblicos dos adventistas do sétimo dia*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

Grudem, Wayne, e Jeff Purswell (Ed.). *Manual de teologia sistemática: uma introdução aos princípios da fé cristã*. São Paulo: Vida, 2001.

Grudem, Wayne. *O Dom de profecia: Do Novo Testamento aos dias atuais*. São Paulo: Vida, 2004.

Guimarães, Almir Ribeiro. *O Espírito Santo, pessoa, presença, atuação*. Vol. 1. São Paulo: Vozes, 1973.

Oliveira, Raimundo de. *As Grandes doutrinas da Bíblia*. Rio de Janeiro: Cpad, 2001.

Pearlman, Myer. *Conhecendo as doutrinas da Bíblia*. São Paulo: Vida, 2002.

Santos, Enio dos. *O Espírito Santo no passado, presente e futuro: batismo com o espírito, carismatismo e dom de línguas, milagres e curas*. Ijuí, RS: Colméia, 2002.

Stott, John R. W. *Batismo e plenitude do Espírito Santo: o mover sobrenatural de Deus*. São Paulo: Vida, 2002.

White, Arthur L. *Ellen G. White: mensageira da igreja remanescente*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993.

White, Ellen G. *Atos dos apóstolos*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1999.

_____. *O Desejado de todas as nações*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

_____. *Testemunhos para ministros e obreiros evangélicos*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002.

Williams, Derek. *Dicionário bíblico vida nova*. São Paulo: Vida Nova, 2003.

Zackrison, James W. *Dones espirituales practicos*. Argentina: Asociacion Casa Editora Sudamericana, 1996.

Zurcher, Jean R. "O Dom de Línguas Segundo a Bíblia". *Ministério*, setembro/Outubro de 1977, 20-22.